

Perspectiva Decolonial e Educação Intercultural: Articulações.

Vera Maria Candau y Susana Beatriz Sacavino.

Cita:

Vera Maria Candau y Susana Beatriz Sacavino (2019). *Perspectiva Decolonial e Educação Intercultural: Articulações*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1288>



Perspectiva Decolonial e Educação Intercultural: Articulações.

Vera Maria Candau
Susana Beatriz Sacavino

Resumo

Este trabalho tem como foco analisar as possíveis articulações entre perspectiva decolonial e educação intercultural. A perspectiva decolonial vem se desenvolvendo no continente americano a partir dos anos 2000 cada vez com maior força. Promovida pelo grupo conhecido como “Modernidade-colonialidade”, formado por especialistas em filosofia, ciências sociais, semiótica linguística e educação, constitui um movimento epistemológico e político-social complexo que se distribui de modo muito heterogêneo por diferentes países das américas. Tendo como referência alguns de seus principais integrantes, tais como Quijano, Mignolo, Castro Gomez, Maldonado Torres e Dussel, aprofundamos em alguns dos seus conceitos básicos como colonialidade, decolonialidade, eurocentrismo, giro decolonial e diferença colonial. Em relação à educação intercultural, partimos da afirmação de que seu desenvolvimento no continente a partir dos anos 80 constitui um processo complexo, plural e original. Tendo como interlocutora privilegiada a Walsh, aprofundamos nas principais tendências que vem assumindo. Relacionamos estas concepções com os conceitos decoloniais que destacamos. Apresentamos como principal conclusão a afirmação de que a perspectiva decolonial permite radicalizar a concepção da educação intercultural crítica. Consideramos esta articulação de especial importância no momento que vive o continente e os desafios que enfrentamos para a afirmação de propostas educativas que fortaleçam nossas identidades socio-culturais.

Palavras chave

Colonialidade; Decolonialidade; Eurocentrismo; Interculturalidade crítica; Educação intercultural.

Introdução

A perspectiva decolonial vem se desenvolvendo no continente americano a partir dos anos 2000, cada vez com maior força. Promovida pelo grupo conhecido como “Modernidade-colonialidade”, formado por especialistas em filosofia, ciências sociais, semiótica linguística e educação, trata-se de um movimento epistemológico e político social complexo que se distribui de modo muito heterogêneo por diferentes países americanos. Segundo Ballestrin (2013), “o grupo compartilha noções, raciocínios e conceitos que lhe conferem uma identidade e um vocabulário próprio, contribuindo para a



renovação analítica e utópica das ciências sociais latino-americanas do século XXI".(p.89)

Alguns dos seus principais representantes são Walter Mignolo, Anibal Quijano, Santiago Castro-Gomez, Enrique Dussel, Ramón Grosfoguel, Arturo Escobar e Nelson Maldonado-Torres. A temática da educação não integra o foco principal de suas reflexões. Dos autores mais conhecidos como pertencentes ao grupo, somente Catherine Walsh, da Universidade Simon Bolivar (Quito- Equador) é Doutora em Educação e faz articulações com questões educativas.

No nosso país esta perspectiva vem se afirmando, inúmeros grupos de pesquisa vem aprofundando suas diferentes dimensões e cresce a produção sobre esta temática, especialmente nas áreas de ciências sociais e educação.

O presente texto se centrará em focalizar alguns conceitos fundamentais que configuram o grupo e suas possíveis articulações com o enfoque da educação intercultural crítica produzido no nosso continente.

Perspectiva decolonial: Alguns conceitos fundamentais

Assinalaremos quatro conceitos que estão intimamente relacionados. São eles: colonialidade, eurocentrismo, diferença colonial e giro decolonial.

Colonialidade

O conceito que nos parece central para se entender a perspectiva decolonial é o de colonialidade. Um postulado repetido por seus integrantes é a afirmação de Mignolo (2005) "a colonialidade é constitutiva da modernidade e não derivada" (p.75). Isto é, são duas caras de uma mesma moeda.

Para estes autores é possível identificar uma primeira e uma segunda modernidade, tendo a primeira como seu marco fundamental a conquista da América pelos europeus. O processo de dominação sofrido no continente não pode ser reduzido a seus aspectos políticos e jurídicos de modo que com a independência dos países latino-americanos tivesse sido superado. A dominação política, os processos de colonização, foram acompanhados da colonialidade. Maldonado Torres (2007) distingue colonialismo e colonialidade da seguinte maneira:

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um



império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (p. 131).

Assim, o colonialismo é mais do que uma imposição política, econômica, militar, jurídica ou administrativa. Este, na forma da colonialidade, do poder, do saber e do ser, segundo os autores decoloniais, chega às raízes mais profundas de um povo e sobrevive apesar da descolonização dos países latino-americanos. Apesar do fim dos colonialismos modernos, a colonialidade continua atuando e os processos de globalização não somente reforçam a colonialidade já presente nas nossas sociedades, como promove novas formas de colonialidade.

Eurocentrismo

Intimamente relacionado à colonialidade, está o eurocentrismo. Para Quijano (2005) o eurocentrismo pode ser considerado como uma perspectiva epistemológica e um processo de produção de conhecimento que explicita o padrão mundial de poder.

“Não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica, colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo.” (p.126).

Algumas de suas características são: a afirmação de uma sequência histórica unilinear e universalmente válida, cujo ápice é a civilização europeia ou ocidental; a defesa do caráter universal do conhecimento considerado científico, elaborado no contexto da modernidade e a inferiorização ou negação da validade de qualquer outro conhecimento elaborado a partir de outras lógicas; a naturalização das diferenças culturais; o dualismo entre não europeu-europeu, primitivo-civilizado, tradicional- moderno, corpo-alma, natureza-sociedade, racional-sensível etc.



Diferença colonial

Trata-se de outro conceito central. Introduzido por Mignolo (2000;2003), a diferença colonial, nos convida a reconhecer os sujeitos subalternizados e inferiorizados, a desumanização provocada pela colonialidade, assim como os conhecimentos produzidos a partir de outras lógicas, diferentes da modernidade ocidental. “A diferença epistêmica colonial aponta para outra direção: ao pensamento a partir dos saberes relegados e subalternizados não como a busca do autêntico e do antiético, mas como uma maneira de pensar criticamente a modernidade desde a diferença colonial.” (Mignolo, 2003, p.8-9)

A perspectiva da diferença colonial requer um olhar sobre enfoques epistemológicos construídos a partir de lógicas diferenciadas, assim como sobre as subjetividades subalternizadas e excluídas. Supõe identificar e ressaltar produções de conhecimento distintas da modernidade ocidental. Busca a conexão de formas críticas de pensamento produzidas a partir da América Latina, assim como com autores de outros lugares do mundo, na perspectiva da decolonialidade da existência, do conhecimento e do poder.

Giro decolonial

Relacionado com os três conceitos anteriores temos um quarto conceito que é o giro decolonial, criado originalmente por Nelson Maldonado Torres em 2005¹, basicamente significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/decolonialidade. Segundo o próprio autor, o termo giro decolonial foi proposto para dar nome à inovação teórica de todo o coletivo de autores do grupo Modernidade/Colonialidade e de tantos outros que contribuem para o pensamento decolonial em outras partes do mundo. A ideia era que se bem alguns podiam estar em conversação com o giro pragmático, ou o linguístico, ou com o marxismo, ou com a teoria feminista, finalmente se podiam entrever entre essas diferentes orientações a presença de outro tipo de giro que merecia seu próprio nome e definição, o giro decolonial (Maldonado Torres, 2017, p 4).

Posteriormente no ano de 2011, o autor assinala, usaremos os conceitos de giro decolonial e giros decoloniais, de um lado, para dar conta do caráter internacional e do significado de formas de pensamento que se inspiram simultaneamente na crise do pensamento e do projeto de civilização europeu, e por outro lado, na afirmação de possibilidade de ser, de poder e de conhecer que superam os limites constitutivos da modernidade eurocêntrica. Assim como tem existido giros copernicanos, pragmáticos,



linguísticos y pós-modernos, de forma análoga pode ser identificado um giro decolonial ou giros decoloniais, conceitos que se referem a mudanças fundamentais nas coordenadas básicas do pensamento (Maldonado Torres, 2011, p.683).

A perspectiva do giro decolonial mostra o longo período de duração do colonialismo desde o século XV e especialmente o século XVI e seu impacto até o momento presente das pessoas e dos grupos, especialmente étnicos, que foram marcados como sub-humanos, com o impacto em seus corpos e mentes, na configuração do ser, do poder e do conhecer/saber.

O conceito de giro decolonial ainda está em construção e supõe um trabalho inter e transdisciplinar. Mignolo (2007) salienta que o giro se entende como mudança de direção para compreender e interpretar o mundo em diferentes momentos. Neste sentido, a ideia de colonialidade do poder exposta por Quijano (2000) abriu passagem para esse giro. A ideia de se desprender da episteme que surgiu com o processo colonial para uma abertura, para uma verdadeira comunicação entre culturas, é o processo que está em andamento (Mignolo, 2007, p.45).

Tendo estes quatro conceitos como referência, estabeleceremos algumas interlocuções com a educação intercultural crítica.

Educação Intercultural crítica e decolonialidade

Partimos da afirmação do caráter polissêmico da expressão educação intercultural e, neste sentido, da necessidade de explicitar a partir de que concepção nos colocamos. Assumimos a interculturalidade crítica e consideramos que suas principais características são: questiona as diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre diferentes grupos socioculturais, étnico-raciais, de gênero, orientação sexual, religiosos, entre outros; parte da afirmação de que a interculturalidade aponta à construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de construir relações novas, verdadeiramente igualitárias entre os diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados. (Candau, 2012)

Para Catherine Walsh (2007) a interculturalidade crítica deve ser compreendida como um processo e projeto intelectual e político orientado à construção de modos outros de poder, saber e ser.



É assinalar a necessidade de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que posicionam de modo diferenciado grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem e lógica que, ao mesmo tempo ainda é racial, moderna e colonial. Uma ordem da qual todos de alguma forma participamos. Assumir esta tarefa implica um trabalho decolonial, dirigido a romper cadeias e desescravizar as mentes (como afirmavam Zapata Olivella y Malcolm X); a desafiar y destruir as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade— estruturas até agora permanentes que mantêm padrões de poder enraizados na racialização, no conhecimento eurocêntrico y na inferiorização de alguns seres como menos humanos. É isto a que me refiro quando falo da decolonialidade. (p.9)

Sendo assim, é possível afirmar que a perspectiva decolonial permite radicalizar a proposta da educação intercultural crítica. Propõe que nos situemos a partir dos sujeitos sociais inferiorizados e subalternizados, que são negados pelos processos de modernidade-colonialidade hegemônicos mas resistem e constroem práticas e conhecimentos insurgentes numa perspectiva contra-hegemônica.

Para a educação intercultural crítica um aspecto fundamental é desvelar as formas de colonialidade presentes no cotidiano de nossas sociedades e escolas. Reconhecê-las e nomeá-las, como afirma Maldonado-Torres, *nos textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto- imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna*. Estamos imersos em processos de colonialidade que estão naturalizados e profundamente introjetados no nosso imaginário individual e coletivo, nas nossas mentalidades e nos juízos de valor que atribuímos a diferentes grupos sócio-culturais, conhecimentos e comportamentos. Os processos educacionais, em geral, reforçam a lógica da colonialidade, promovendo a homogeneização dos sujeitos neles implicados e reconhecendo um único tipo de conhecimento, o produzido a partir do referencial construído pela modernidade europeia. Se não questionamos o caráter único do que consideramos desenvolvido, moderno, civilizado, verdadeiro, belo, não podemos favorecer processos em que se promova o diálogo intercultural. Desnaturalizar os processos de colonialidade constitui um desafio fundamental para o desenvolvimento da educação intercultural.

A interculturalidade crítica também questiona fortemente o eurocentrismo. Afirma a pluralidade epistêmica presente nos diversos grupos humanos. Desenvolve uma visão da história multifacetada e plural, que não pode ser reduzida a uma



linearidade. Reconhece as contribuições do eurocentrismo mas nega sua universalidade. Afirma que trata-se de uma produção particular que foi/é universalizada e que deve entrar em diálogo com outras epistemologias que foram negadas, inferiorizadas ou mesmo destruídas. Reconhecer esta realidade e promover processos de (re)construção de conhecimentos-outros é uma preocupação fundamental da educação intercultural.

Outro grande desafio é a superação dos dualismos que, articulados com a colonialidade estão fortemente arraigados em nossas sociedades. Estes dualismos priorizam um polo da relação - o europeu, civilizado, masculino, branco, moderno, racional- negando as contribuições dos grupos socioculturais e epistemologias que são consideradas pertencentes ao passado e que devem ser superadas pela lógica moderna eurocêntrica. Somente promovendo o diálogo intercultural é possível construir uma nova perspectiva mais holística e plural em que todos os sujeitos socioculturais sejam reconhecidos como atores sociais e produtores de conhecimento.

A interculturalidade crítica supõe um reconhecimento de diferentes epistemes e conhecimentos, que incluem os eurocêntricos mais não os entende como únicos e universais, nesse sentido implica um giro decolonial. O entendimento do pensamento moderno como pensamento único e a colonialidade do poder matam a pluriversidade epistémica e anulam os conhecimentos outros. Nesse sentido, Walsh (2014) afirma que é necessário compartilhar os conhecimentos e continuar aprendendo da práxis dos grupos, das coletividades, dos movimentos sociais. A pedagogia decolonial trata de subverter a colonialidade. São pedagogias que se esforçam por transgredir, deslocar e incidir na negação ontológica-existencial, epistémica e cosmogónica-espiritual que tem sido e é, início, fim e resultado do poder da colonialidade (p.18).

Como conclusão, gostaríamos de reafirmar o aspecto processual e permanente, tanto da desnaturalização da colonialidade, como da construção de dinâmicas outras que promovam o diálogo intercultural a partir do reconhecimento dos diversos grupos sócio-culturais como sujeitos e atores sociais e produtores de conhecimentos. Consideramos ser este o horizonte de sentido da educação intercultural crítica.

Notas

¹ Segundo Maldonado Torres este conceito apareceu no título da conferência "Mapping the Decolonial Turn: Post/Trans-continental Interventions in Theory, Philosophy, and Critique" (Mapenado o giro decolonial: intervenções pós/trans-continentais em teoria,



filosofía e crítica), num encontro realizado no ano de 2005 em Berkeley chamado *Mapping Decolonial Turn*, onde o grupo M/C dialogou com um grupo de filósofos caribenhos e filósofas latinas. Essa reunião também foi fundamental para constituir a decolonialidade como o terceiro elemento da modernidade/colonialidade.

Referências bibliográficas

Ballestrin, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

Candau, Vera Maria. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *Educação & Sociedade*, v. 33, 2012.

Maldonado-Torres, Nelson. Las Humanidades y el giro decolonial en el siglo XXI.

Analéctica, nº 21, Buenos Aires, marzo 2017, pp.1-9.

Maldonado Torres, Nelson. El pensamiento filosófico del “giro descolonizador”. IN: Dussel, E. Mendieta, E. Bohorquez, C. (Edits.). *El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y “latino” 1300-2000*. México: Siglo XXI, 2011.

Maldonado Torres, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. IN: Castro-Gómez, S. y Grosfoguel, R. (Orgs.) *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.

Mignolo, Walter. El pensamiento decolonial: Desprendimiento y apertura. Un manifiesto. IN: Castro-Gómez, S. y Grosfoguel, R. (Orgs.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores / IESCO-UC / Pontificia Universidad Javeriana, 2007.

Mignolo, Walter. *Histórias Globais, projetos Locais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

Mignolo, W. Diferencia colonial y razón postoccidental. IN: Castro Gómez, Santiago (ed.) *La reestruración de las ciencias sociales en América Latina*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, 2000.

Walsh, Catherine. *Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos*.